
**A TEOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE SUBJETIVIDADE PSÍQUICA NA
FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Fabiano Battemarco da Silva Martins¹
Emerson Cláudio Mildenberg²

RESUMO

O presente artigo é uma revisão bibliográfica do fenômeno religioso. Tem por objetivo compreender as relações da fé com o bem-estar psíquico sob a perspectiva de uma análise psicanalítica. Mais especificamente, procura analisar as ocorrências de empoderamento entre os indivíduos seguidores de uma fé religiosa e pontuar os mecanismos e os processos que levam a produção de subjetividade através da experiência da fé religiosa. Para tal, o estudo discorre sobre três temas principais que são: o empoderamento, o conceito de animismo e o conceito de projeção individual e grupal, que por sua vez se permite ser usado pela religião. Em nossa revisão, se verificou que empoderamento permite ao homem autonomia, lhe disponibilizando mecanismos de produzir um determinado poder para o indivíduo religioso. O animismo consiste nas ideias e práticas religiosas baseadas na ideia de alma e espírito com tendência a dar vida aos seres inanimados. E, por fim, a projeção, permite ao homem escoar de si, através do pensamento, todos os sentimentos indesejáveis, e através das compulsões, como algo compensatório, aliviar suas culpas.

Palavras-chave: bem-estar psíquico; fé; empoderamento.

ABSTRACT

This article is a literature review of the religious phenomenon. It aims to understand the relationship between faith and psychic well-being from the perspective of a psychoanalytic analysis. More specifically, it seeks to analyze the occurrences of empowerment among individuals who follow a religious faith and to point out the mechanisms and processes that lead to the production of subjectivity through the experience of religious faith. To this end, the study discusses three main themes, which are: empowerment, the concept of animism, and the concept of individual and group projection, which in turn allows itself to be used by religion. In our review, it was found that empowerment allows man autonomy, providing him with mechanisms to produce a certain power for the religious individual. Animism consists of religious ideas and practices based on the idea of soul and spirit with a tendency to give life to inanimate beings. And finally, projection, allows man to drain from himself, Through thought, all undesirable feelings, and through compulsions, as something compensatory, relieve your guilt.

Keywords: mental well-being; faith; empowerment.

¹ Bacharel em Teologia – Fateos. Bacharel em Engenharia Mecânica pela USU. Especialista em Filosofia da Religião pela FPU. Mestre em Engenharia Agrícola e Ambiental pela UFRRJ. Doutorando em Engenharia Mecânica pela UERJ.

² Dr. e Coordenador do programa de bacharelado em Teologia – UniFil – Londrina/PR

1 INTRODUÇÃO

O Homem sempre buscou explicações que lhe sejam compreensíveis, ainda que estas não lhe confira a certeza dos fatos. Para isso o homem se utiliza de meios e artifícios para responder suas indagações, e um desses artifícios é a utilização da fé no campo da religião. Para Freud, “a religião é sedução, convite à imortalidade, amparo, proteção; é também resposta para um homem submetido à imprevisibilidade do seu desejo” (Freud, 1927, *apud* Araújo, 2013, p. 93). Essa busca torna a fé religiosa um instrumento e veículo de compreensão que levam o homem a entrar em um mundo simbólico religioso, constituindo relação de subjetividade e um processo de empoderamento. Essa constituição subjetiva do homem proporcionada pela religião, o faz buscar na fé religiosa mecanismo de lhe dê referenciais simbólicos e poder sobre a própria vida. Para Araújo (2013):

Quando indivíduo [...] incapaz de proteger-se contra as forças estranhas. Forças superiores, [metafísicas] atribui a estas forças [a proteção a Figura de Deus ou numa força superior a humana]; cria então para si deuses, que teme, busca agradar, e de quem espera proteção. Deste modo, o anseio [por um ser superior] é um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua possível fraqueza humana (Araújo, 2013, p.93).

Então a religião é um modo de agrupar pessoas que se reúnem em seus cultos como uma maneira de vencer o “mal” no qual elas criam um mundo simbólico com a capacidade de lutar contra algo no mundo físico, colocando suas soluções para o mundo metafísico, ou seja o mundo sobrenatural. Observa-se o quanto as religiões é a união de pessoas em prol de algo comum, instituindo a capacidade na fé religiosa de enfrentar o “perigo” do pecado, do “mal” que as rodeiam, criando neste sentido uma maior autonomia (confiança) religiosa para lidar com esses tipos de dificuldades, pelos quais as levam crer que estão protegidas dentro desse mundo simbólico de magia, levando a uma realização de si mesma devido as suas práticas. Segundo Freud (1913), “A magia tende a servir aos propósitos mais variados: submeter os processos naturais à vontade do homem, proteger o indivíduo contra inimigos perigosos e lhe dar o poder de prejudicar seus inimigos” (Freud, 1913, p.130). O que se deve observar nesse mundo de símbolos e magias é a capacidade animista que envolve toda essa gama de crenças baseadas na fé. Aliás, para Freud, o animismo “contém as precondições sobre as quais as religiões são construídas” (Freud, 1913, p.129), ou seja, é “a doutrina do caráter animado da natureza que nos parece inanimada” (Freud, 1913, p.126). Deste modo, os símbolos religiosos

através da crença religiosa, dão vida aos objetos simbólicos que dela fazem parte. Havendo uma relação de magia existente na fé religiosa.

Outro fator que Freud chamou a atenção, é a relação telepática que os seguidores criam com um ser que eles consideram superior, de quem se necessita de ajuda fazendo pedidos, usando a força do pensamento de qualquer lugar que esteja está sendo ouvido. Para o autor, “nesses exemplos de [conceitos] mágicos, como em tantos outros, a distância não representa papel algum e a telepatia, portanto, é aceita como algo evidente” (Freud, 2014 [1913], p.133). Portanto, essa relação mágica do homem religioso leva ao homem a uma experiência que por sua vez pode trazer tendências a se relacionar com o mundo sob o aspecto positivo de o encarar, aceitá-lo e transformá-lo. Podemos dizer, que esse mundo de magia é a ferramenta usada como forma de lidar com aspectos do mundo, da sociedade e com as próprias questões do sujeito.

Dentre os aspectos relacionados ao campo simbólico da religiosidade, a maneira de como o ser religioso lida com seus símbolos e como isso interfere na dinâmica psíquica do indivíduo nos despertou particular interesse. Observamos como a crença religiosa com suas verdades e suas influencias na vida em comunidade, cria em seus seguidores autonomia, um maior empoderamento. Diante disso, indagamos de que forma se dá e se desenvolve esse tipo de empoderamento, e como ocorre enquanto processo de subjetividade, sob a perspectiva da fé religiosa, influenciando no bem-estar psíquico daqueles que seguem uma religião. Nessa perspectiva, buscamos compreender as vertentes do empoderamento no processo de subjetividade na relação com a fé religiosa, e como a fé religiosa pode resultar em bem-estar psíquico.

Encontramos em Baquero (2012), a definição de empoderamento “um processo de ação no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação às suas questões, favorecendo, a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando relações sociais de poder (Baquero, 2012, p.181).

Já o empoderamento dentro do aspecto da religião, é visto como um processo do indivíduo para o coletivo que é baseado numa verdade religiosa que faz o seguidor acreditar que descobriu o caminho certo para a vida, levando-o a uma convicção subjetiva de suas ações, em que na maioria dos casos o faz ter uma maior ordenação da vida e um maior domínio de seus desejos. Para Roso e Romanini (2014), o empoderamento “envolve tornar os

outros capazes, ou auxiliar a desenvolver habilidades para que possam obter poder por seus próprios esforços” (Roso; Romanini, 2014, p.179). No caso da religião, leva o sujeito a ter poder sobre si mesmo e o controle de seus próprios impulsos, criando a capacidade de autorregulação. Sendo a capacidade das pessoas poderem propagar a própria religião para as outras, o que as fazem se sentirem capazes de levar a “salvação”, ou um conhecimento até então desconhecido para outras pessoas, se colocando numa condição de persuadir, estabelecendo uma relação de poder, pelo qual o religioso se coloca numa condição de convencer e transformar, influenciando o pensamento de outras pessoas. Essa relação exercida pelos religiosos os coloca numa condição de empoderamento, porque os faz numa situação de sabedor da “verdade única”. Tal prática, determina ao homem uma capacidade de autonomia, lavando-o a uma autorrealização, fazendo um elo de bem-estar, que o coloca numa condição de ser útil e com poder de influenciar, trabalhando diretamente na autoestima do seguidor religioso.

1.1 Fé, bem-estar e empoderamento

As religiões trazem ao homem uma maior segurança de si, estabelecendo uma relação de confiança deste com o mundo, pelo fato de acreditar numa força sobrenatural que o protege, pelo qual, podemos chamar de fé.

Fé, de acordo com o Dicionário do Aurélio da Língua Portuguesa “é, o sentimento de quem acredita em determinadas ideias ou princípios religiosos”. Ou seja, crença é aquilo que desenvolve uma maior segurança emocional e psicológica na relação àquilo que está externo ao homem numa interação animista. Como tal é uma ação que leva o homem a um maior conhecimento dos próprios dogmas como também a um maior crescimento ideológico, que quanto mais se apodera do conhecimento religioso, mais conhecedor de uma “verdade” se torna (Roso; Romanini, 2014). Podemos dizer que isso traz ao homem respostas que normalmente ele não teria, o faz ter uma convicção da vida, mesmo que essa convicção seja simbólica, que apesar de ser simbólica o faz acreditar de verdade. As crenças religiosas respondem a questionamentos diversos que talvez nunca seriam respondidas de forma empíricas, mas que de algum modo satisfazem a curiosidade humana, numa relação de poder e saber.

Neste caso, as estratégias empregadas para o empoderamento no que tange a religião, tem como “objetivo fortalecer a autoestima e a capacidade de desenvolver mecanismo de ajuda e de solidariedade” (Roso; Romanini, 2014, p. 86), levando uma “salvação” a aqueles que se acham “perdidos”. Ou seja, àqueles que não tem desenvolvida uma determinada fé religiosa ou então pessoas que possuam uma crença religiosa diferente daquela que está sendo proposta.

A fé religiosa ligada diretamente na constituição da subjetividade do indivíduo, traz para o homem significados emocionais e o envolvem em um processo de significação e transformação interior, podendo levar a uma condição de bem-estar psíquico. Por este processo de significação que é simbólico, poder atuar na percepção do indivíduo de como enxergar o mundo, respondendo a curiosidades diversas do próprio homem.

Apesar da existência de todo desenvolvimento tecnológico e científico, a atração do homem pelo místico, por não conseguir responder a todas as suas indagações, permanece na modernidade. Segundo Campos (2014), o homem “cria as condições utópicas propícias à expansão das crenças, que se erguem sob a proposta de satisfazer os anseios despertados pelo próprio movimento moderno” (Campos, 2014, p.1030). O autor, ressalta ainda, que na modernidade a religiosidade caracteriza-se por um “processo de subjetivação e individualização das crenças e práticas religiosas, nas quais o indivíduo se põe a tecer sua própria identidade religiosa, sem referência a uma herança religiosa herdada” (Campos, 2014, p. 1034).

Diante destas reflexões, pensamos que os símbolos místicos, religiosos, podem agir como um complemento emocional no sentido de complementar os espaços subjetivos, ou seja interior do indivíduo, de modo ainda vigente na modernidade.

Falar de subjetividade é falar de um processo de produção dirigido à geração de modos de existências, ou seja, modos de agir, de sentir, de dizer o mundo. É um processo de produção que tem a si mesmo, o sujeito, como produto. Entendemos que como produto, reencontramos a noção de sujeito fundamentado nas suas crenças e no seu contato simbólico com o seu mundo de magia. Como o ser humano está sempre em processo de construção, os símbolos religiosos fazem parte dessa construção de homem, a partir dos significados que representam. De acordo com Bragança (2013):

É sabido que a vida humana é um constante vir - a - ser. O ser humano não nasce pronto. Ele deve se constituir enquanto um ser inserido no mundo – um mundo de deveres, normas, princípios e valores. O mundo humano é constituído por símbolos e significados, com os quais o ser vivente de alguma forma procura se relacionar. Por outro lado, a construção e a assimilação desses símbolos e a tarefa de dar significado, é tarefa que cada um deve realizar e o faz de forma única. A forma como cada um recebe, comprehende e se relaciona com o seu meio é singular e própria, fazendo com que, cada pessoa seja um ser fora de série, inigualável em sua existência, constituindo assim, sua subjetividade (Bragança, 2013, p.7).

Todo esse processo de construir a subjetividade, faz o homem procurar algo que lhe passe uma sensação de segurança. Assim, “Ele é levado a questionar acerca do que é certo e do que é errado e a procurar [a resposta para cada questão]” (Bragança, 2013, p.5). E, nesta procura, o transcendental é um de seus caminhos, tornando esse ser que busca a religião mais seguro no mundo. Essa percepção transcendental sobre o mundo pode facilitar ao homem equilíbrio psíquico, já que um dos discursos da religião é que existe sempre um ser supremo que está trabalhando em seu favor, levando-o a uma maior possibilidade a enxergar, na maioria das vezes, o lado positivo do mundo, mesmo na adversidade. Fator esse, que permite ao ser religioso construir significados: cognitivos, motivacionais e afetivos numa relação de positividade, fechando o ciclo dentro do aspecto da fé religiosa, trazendo-o para uma esfera de bem-estar psíquico, que seria a capacidade subjetiva do sujeito estar bem consigo mesmo, demonstrando um nível regular de satisfação com a vida.

Podemos dizer que o bem estar psíquico, está muito relacionado ao discurso subjetivo das pessoas, porque varia muito do que representa para cada indivíduo aquilo que é entendido como satisfação e prazer, mas podemos dar uma definição de bem-estar subjetivo que se refere à experiência individual e subjetiva da avaliação da vida como positiva, e inclui variáveis como satisfação com a vida e vivência de afeto positivo. Segundo Woyciekoski, Stenert e Hutz (2012), “cada indivíduo avalia sua própria vida e vivencia acontecimentos aplicando concepções subjetivas, as quais envolvem traços, expectativas, crenças, valores, emoções e experiências de vida” (Woyciekoski *et al.*, 2012, p. 286). Nesse sentido, o homem religioso pode anular alguns possíveis acontecimentos negativos de vida, uma vez que, “religiosidade e espiritualidade também são aspectos que têm sido referidos como se associando positivamente com bem-estar subjetivo” (Woyciekoski *et al.*, 2012, p. 283).

Podemos ressaltar que a onipotência do pensamento, mencionada anteriormente, coincide com as práticas proposta pela fé religiosa, através das orações, das rezas e dos cultos,

que leva o sujeito a ideias mágicas que seus problemas estão ali sendo colocados a um ser superior transcendental que irá resolver suas questões internas e externas levando o homem a um alívio de suas dores e temores, consequentemente o levando a um possível “alívio” psíquico, ou pelo menos o faz acreditar que isso aconteça. Uma vez que a onipotência dos pensamentos é regida pelo princípio da magia, “A possibilidade de uma magia contagiosa que se apoia na associação por contiguidade nos mostrará que a valorização psíquica se estendeu do desejo e da vontade a todos os atos psíquicos que estão à disposição dessa última” (Freud, 2014[1913], p.138).

Nessa perspectiva, a teoria freudiana nos mostra que os atos psíquicos dentro da proposta da fé religiosa é uma supervalorização do próprio pensamento, em detrimento daquilo que é realidade. O pensamento sob o aspecto da imaginação faz o homem gastar suas forças em um mundo paralelo pelo qual se esforça mental e fisicamente, através do mundo mágico.

Para Freud (1913), outro efeito da magia é a capacidade de ocorrência de uma transposição do tempo e do espaço, bastante utilizada na fé religiosa. Vejamos:

Visto que o pensamento não conhece distâncias, unindo com facilidade num só ato de consciência tanto as coisas mais distantes no espaço quanto as mais diferentes no tempo, o mundo mágico também supera telepaticamente a distância espacial e trata relações passadas como se fossem presentes. No período animista, a imagem especular do mundo interior tem de tornar invisível aquela outra imagem do mundo que acreditamos reconhecer (Freud, 2014[1913], p.138).

Deste modo, acompanhamos que para o pensamento freudiano, a religião permite ao homem que o contato com símbolos e arquétipos, isoladamente ou coletivamente, encontrem explicações e significados para os mistérios que os rodeiam. De acordo com Freud, “Enquanto a magia ainda reserva toda a onipotência aos pensamentos, o animismo cedeu uma parte dessa onipotência aos espíritos [de maneira simbólica], e com isso tomou o caminho para a formação [do que vemos hoje a fé baseada na religião]” (Freud, 2014[1913], p.146).

A fé religiosa permite uma relação de saber do homem com aquilo que muitas das vezes não pode ser explicado de modo científico ou empírico, o ajudando a compreender suas questões. Deste modo, o mundo místico faz o homem sentir que descobriu ou encontrou um novo horizonte, possibilitando uma nova relação de subjetividade e de compreensão de vida. Pois, através do místico, do imaginário que podemos entender a construção da subjetividade historicamente contingente e socialmente determinada, pois, o sujeito se apropria da fé

buscando os elementos que estejam em harmonia com seus desejos ou necessidades subjetivas.

Contudo, o processo de subjetividade religiosa também envolve outras questões de significados, a saber, relação de poder e saber, levando o sujeito a um empoderamento no agir da prática religiosa. Isto é, a opinião propagada pela religião leva o sujeito a uma condição de ser o conhecedor da “verdade única” se considerando, porém o único ser “correto” levando o indivíduo a uma situação de auto-afirmação. Neste caso, o empoderamento está para uma situação de domínio por parte do indivíduo dos próprios dogmas religiosos e de uma condição de poder propagar a própria religião, e de influenciar convencendo pessoas a se converterem, a aceitarem seus dogmas.

O que se observa nesses termos, é que qualquer um pode exercer o poder, seja o poder da influência, ou poder do saber. Portanto, a fé religiosa é um processo mental de significação e socialização de seus membros e também um exercício do poder, não só no sentido de influenciar, persuadir na tentativa sobrepor seus dogmas e crenças sobre outras pessoas, ou então sobre outros dogmas religiosos, mas também no sentido implícito de cuidado e recuperação ou do resgate do homem.

Nesse sentido, podemos perceber a relação da fé religiosa no que pode favorecer as identificações para com uma representação simbólica, com os diferentes dogmas propagados por cada religião, pelo qual, cada pessoa desenvolve simpatia se aliando a um determinado grupo religioso. Havendo estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens. Ou dito de outra maneira, “Tudo o que leva aos homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimentos, essas identificações. A estrutura da sociedade humana se baseia nelas” (Freud, 1930, p.42).

Assim, observamos, que a identificação é outro fator muito importante na produção de subjetividade do homem, de empoderamento e de emancipação, produzindo o sentimento de pertencimento. Este por sua vez enraíza todo o processo de identidade desenvolvida dentro do grupo. Pois se eu pertenço, logo eu me identifico.

Pertencimento ou sentimento de pertencimento, de acordo com o dicionário Informal “é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos”. Quando se fala de pertencimento, “a comunidade é percebida como ambiente naturalmente predisposto a incluir e acomodar relações interpessoais de caráter virtuoso, marcada por laços de lealdade sólidas e incondicionais” (Santos, 2014, p.116). Compreendemos com Santos, que o

pertencimento é uma característica marcante nas relações sociais religiosas, por propagar para o homem uma relação de amor fraternal entre os seus participantes, que além de oferecer uma interação social, baseada numa relação de comunhão entre os membros, presta apoio espiritual, que segundo os religiosos é algo que vai além do emocional do homem e do contato físico. O que se percebe nos grupos de um modo geral, e inclusive nos grupos religiosos, é uma comunidade idealizada, que se volta a promover o bem-estar de todos; social, emocional e espiritual. A comunidade é o lugar que presta segurança aos seus, igualdade e compartilhamento de interesses e opiniões, pelos quais os membros prestam auxílio uns aos outros, remediando a necessidade de cada indivíduo. Ainda para Santos, “A comunidade, portanto, sobrevive no imaginário coletivo como o lugar de prazer. Um ambiente estimulante ao desenvolvimento das potencialidades individuais sempre conciliáveis com os interesses da coletividade” (Santos, 2014, p.117).

Assim, que os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. As relações sociais e comunitárias desenvolvidas nos encontros religiosos facilitam o entendimento de pertencer a um determinado grupo, levando o sujeito a ideia de parte integrante de determinada comunidade religiosa. Essa relação existe porque a experiência que a fé religiosa permite sentir em grande parte de seus rituais, é em grupo, apoiando a vida entre dos fiéis e a vida participativa na comunidade religiosa.

Como podemos perceber, há uma busca pelo espírito comunitário e social que estão associados aos mais diversos grupos e credos religiosos, são espaços para agrupar pessoas: igrejas, sinagogas, mesquitas, centros de umbandas, centros de candomblés e outros, como uma maneira de promover a fé. Culminando no processo de pertencimento. Os encontros periódicos entre os fiéis, servem para incentivar e celebrar a fé, fortalecendo as crenças, abrangendo o conhecimento da doutrina, fortalecer a espiritualidade, estabelecendo a comunhão entre os participantes do grupo religioso.

Todos esses processos são acontecimentos internos do homem, levando-o a uma situação de procurar aceitação por parte de determinado grupo, passando a determinar a sua existência. Pode-se dizer, que a relação de pertencimento e identidade nada mais é do que um espelho do próprio homem, onde consegue perceber a si mesmo de acordo com aquilo que vê nos seus iguais, no sentido de práticas e crença religiosas.

Observa-se aqui as questões identidade e pertencimento, que são geradas por um desejo do sujeito se relacionar se unindo a um determinado grupo. O sentimento de pertencimento faz parte do homem como ser social, é aí que se encontra toda a fortaleza emocional no que diz respeito a formação de grupos, e inclusive os grupos de fé religiosa. O homem precisa da aceitação e interação de grupos como forma de existência, então a comunidade religiosa permite ao homem, esse crescimento como ser, através dos grupos religiosos. A formação de grupos religiosos é então um meio de se criar e de se estabelecer o que chamamos de empoderamento.

O empoderamento, como já vimos, pode ter diferentes significados, de acordo com o contexto inserido ou apresentado. Neste caso, o empoderamento é entendido como uma ferramenta ou instrumento de territorialidade comunitária e crescimento de grupo, no sentido de torna-lo autônomo através de seus membros, com suas crenças e práticas independentes e através do cuidado que um membro tem para com o outro e a liberdade que o grupo tem de atuação através de seus membros. Também podemos dizer, “Isso faz do empoderamento muito mais do que invento individual [...], configurando-se como um processo de ação coletiva que se dá na interação entre indivíduos, o qual envolve, necessariamente, um desequilíbrio nas relações de poder na sociedade” (Baquero, 2012, p.181). Uma vez que “Empoderar como verbo intransitivo configura uma perspectiva emancipatória de empoderamento, processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitem ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (Horochovski; Meirelles, 2007 apud Baquero, 2012, p.179).

Vemos o processo de empoderamento no sentido de tornarem livres as pessoas para tomar suas decisões e formarem suas relações de grupos, de modo que, por meios deles possam se expressar socialmente, ou seja, o empoderamento no sentido emancipatório, algo que de modo individual não se conseguiria fazer.

As relações que envolve os grupos religiosos, induz cada indivíduo no desenvolvimento da fé religiosa, a criar o seu próprio espaço dentro da sociedade no que diz respeito a sua procura no crescer na vida social, além de um reconhecimento coletivo como uma maneira de se fazer existir e pertencer, criando um empoderamento no sentido de fazer crescer cada indivíduo dentro de sua prática religiosa, numa relação mais harmônica com os objetos simbólicos de suas crenças e práticas. Tal como Freud nos disse, “Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos [...] que, se

vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns” (Freud, 1996[1930], p.114).

1.2 Narcisismo das pequenas diferenças

Contudo, a identificação e pertencimento nos diversos e distintos grupos religiosos, também produzem seus conflitos. Freud (1930), denominou de narcisismo das pequenas diferenças, as diferenças existentes entre os grupos sociais utilizadas como meios de tornar autêntica a identidade existente e constituída nas diferenças, reforçando a ideia de território através do pertencimento. Ou seja, algo como, eu me identifico, me percebo quando consigo distinguir que existem outros diferentes de mim, é como se somente o igual não fosse suficiente para uma possibilidade de reconhecimento, sendo necessário também o diferente para que essa identidade e esse reconhecimento de si mesmo e do grupo seja concretizado. Isto é, eu me reconheço quando também estou diante daquilo que difere, daquilo que está externo mas não é igual (Freud, 1930). Deste modo, “a existência de interferências nas relações de grupos sociais deve ser pensada a partir da dicotomia identidade/diferença, uma vez que existe a relação **nós e os outros**” (Pinto, 1992 apud Lombardi, 2006, p. 26, grifo nosso). Essa relação é baseada nos diferentes objetivos religiosos existentes, pelo qual define as diferenças entre os indivíduos e os grupos.

Na perspectiva freudiana, esse tipo de narcisismo no homem desenvolve uma estrutura destrutiva, pulsão de morte que enxerga o diferente como inimigo, estranho, como um meio de atingir os objetos externos e diferentes. O narcisismo das pequenas diferenças são tendências fortes pelos quais populações se amparam como objeto de uma identificação, baseado numa visão negativa ou diferente do outro. Para Bueno (2013), “a comunidade se mantém unida e mutuamente identificada graças à existência de estrangeiros e diferentes que sirvam como referencial negativo” (Bueno, 2013, p.326). Nesse caso, o outro, o estranho, o estrangeiro, é utilizado como um referencial de limites entre as comunidades que entende que em determinado ponto começa o outro. Por tanto o narcisismo das pequenas diferenças é baseado na supervalorização aos aspectos que fazem algum tipo de diferenciação entre os grupos, relação essa que permitiu as comunidades próximas entre si expresssem suas agressividades, ou seus modos de se fazer oposição ao diferente (Bueno, 2013). Trazendo à tona um narcisismo “de tal modo rígido e conservador que qualquer desvio trazido pelo outro

é visto como uma afronta e o faz entrar em guerra contra qualquer sombra de divergência. Como se dissesse: tudo que de mim difere me ameaça” (Reino; Endo, 2011, p.18).

Esse narcisismo tem por função identificar o próprio grupo ou comunidade através da tensão existente nas diferenças entre os grupos pelos quais impedem que o outro seja visto como igual esse tipo de questão é muito bem exemplificada na esfera religiosa, pelos diferentes grupos religiosos, com ideologias doutrinárias distintas e muitas das vezes palco de combates não só ideológico como também físicos, onde aquele que não é igual é atacado por divergir de uma ou outra doutrina religiosa. O narcisismo das pequenas diferenças também é um fenômeno de identificação de grupos que se percebe quando ver o diferente. Neste caso, o narcisismo das pequenas diferenças atua nos grupos de fé religiosa como uma maneira de experienciar as diferenças entre os próprios grupos religiosos como também de diferenciar aquele que possui a fé religiosa e os que não possuem a fé, ou seja, os “mundanos”. Dito isso, “Tal narcisismo poderia ser a chave para o entendimento de uma hostilidade inerente e constante nos vínculos humanos [...], que se opõe a uma solidariedade e torna impossível o mandamento cristão de amar o próximo como a ti mesmo”(Reino; Endo, 2011, p.18).

Percebe-se que o narcisismo age nos indivíduos e nos grupos como se houvesse uma fronteira de identificação, em que se consegue distinguir facilmente entre o eu e o outro. É como se houvesse toda uma estrutura do eu delimitada, que se faz perceber claramente através de um limite pré determinado do próprio eu, sabe quando é ele e o quando é o outro. A fé religiosa neste caso serve para dá mais destaque aos grupos e aos sujeitos dentro dessa dimensão narcísica, acentuando e potencializando a estrutura egocêntrica grupal e individual, onde os grupos religiosos disputam territórios com outros grupos, procurando sempre prevalecer os seus rituais e crenças. Como diz Caetano Veloso, “É que Narciso acha feio o que não é espelho”.

1.3 Mecanismo de Projeção

São várias as relações subjetivas que envolve o sujeito e a fé religiosa além do pertencimento e da identidade. Estão implicados diretamente com a fé, por exemplo, a projeção e a neurose da culpa, e os atos obsessivos através dos rituais realizados pelos sujeitos.

Para Repohl e Darriba (2013), explicam o mecanismo de projeção como “a representação de conteúdos aflitivos que foram ‘projetados para fora’ pelo eu como uma forma de defesa por parte deste” (Brepohll; Darriba, 2013, p.82). Desta forma, compreendemos que a projeção no sentido freudiano nada mais é do que expulsar de si mesmo tudo aquilo que não agrada, que não se consegue assumir como seu, daí a necessidade de ser do outro. Configurando a projeção como uma maneira da pessoa proteger o seu consciente de algum tipo de sentimento que para ela seria insuportável admiti-lo.

Neste caso, a religião aparece como uma maneira do sujeito manipular os processos projetivos, a fé religiosa proporciona ao sujeito ferramentas de manipulação projetiva, pelo qual lhe oferece símbolos e significados que serão manipulados como uma maneira de eximir-se da culpa, tirando-o da condição de ‘pecador’, colocando-o no lugar de isenção de ‘culpa’. Paralela a essa condição o sujeito coloca o outro que não assumiu ainda a condição de remissão, na situação de ‘pecador’.

A fé religiosa permite então ao homem a tentativa de escapar de suas mazelas psíquicas, lhe permitindo e intensificando meios para deslocar dele aquilo que tem de pior, ou aquilo que não aceita nele próprio. A projeção nada mais é do que uma maneira de superar a culpa inconsciente. Deste modo, o sujeito usa a religião como um palco preparado para permitir-lhe fugir da sua culpa, de modo que consiga se livrar de seus sentimentos que o afigem. A fé religiosa, neste caso, surge como autoafirmação do sujeito, diante da própria fraqueza do ego (Freud, 1927).

Nessa perspectiva, Freud (1930), assinala uma das origens do sentimento de culpa. Ele surge do medo do superego, ou seja da cobrança dos valores preestabelecidos que este sujeito se ver obrigado a cumprir, servindo a religião em muitas ocasiões o lugar que lhe vai propor rituais para se livrar da culpa, numa situação de remissão de sua vida, de modo que o indivíduo possa se sentir regenerado por algo que cometeu. O sentimento de culpa é a punição pela renúncia do desejo proibido pelo superego. A renúncia do desejo proibido é na verdade a renúncia pulsional. Para Freud (1930), esta renúncia não agi como “um efeito liberador, mas sim como um depósito de tensão”, para isso indivíduo se utiliza da projeção e dos rituais como maneira de abstrair toda a culpa imposta pelo superego” (Freud, 1996[1930] p.133).

No intuito de elucidar, Freud evidencia que a fé através das religiões permite ao sujeito proteger o ego da tensão do sentimento de culpa, usando-se da manipulação projetiva, que adveio de uma renúncia pulsional. Assim, o homem que passou a ter algum sentimento

ruim em relação a si próprio, quando resolve entrar para alguma religião é porque o sentimento de culpa está acusando-o tempo todo, então o ato de se fazer pertencer a alguma religião já é uma demanda neurótica do sentimento de culpa, que agora vai se utilizar das doutrinas e práticas religiosas como uma demanda projetiva desse próprio homem. O sentimento de culpa atua levando o sujeito a se utilizar de alguns mecanismo de defesa, mas em especialmente da projeção, como forma de se libertar da culpa. Já os atos obsessivos são mecanismos que levam o homem as práticas ritualísticas, ou seja a compulsão, “Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa” (Freud, 1907 p.5). Se utilizando dos rituais religiosos como um meio de se manter regenerado, o sujeito evita o pecado ou se redime dele. No entanto, isso leva à ansiedade. Esta faz o indivíduo agir em torno das práticas religiosas, tentado a se livrar de uma possível punição, levando-o a praticar mais um ritual. A necessidade de autoafirmação do indivíduo, o leva a cada vez mais as práticas e rituais religiosos como maneira de escapar da ideia de punição.

Nestas condições, o ceremonial religioso é utilizado pelo homem como uma medida de segurança psíquica. Segundo Freud, “o ceremonial surge como um ato de defesa ou de segurança, uma medida protetora” (Freud, 1907, p.6). As práticas religiosas visam afastar o sentimento de culpa por uma reparação compensatória ritualística, realizando o deslocamento psíquico. O ceremonial surge de diferentes formas de acordo com as características ritualísticas de cada fé religiosa, assim os atos e práticas demonstram o ceremonial falado por Freud, e exemplificado por Souza que descreveu alguns rituais como: “descansar em um determinado dia da semana, orar em horários rígidos, viver só de água até o pôr do sol de um determinado dia, curvar-se para o leste, sacrificar animais ao som de tambores, tomar banhos com determinadas ervas e sais”(Souza, 2014, p.84); estas são algumas das práticas ritualísticas que resultam em atos obsessivos na história da humanidade.

Deste ponto de vista, a fé religiosa proporciona mecanismos que permitem ao sujeito não lidar com a sua realidade e com os seus desejos e sentimentos. Os símbolos e rituais servem para modificar a realidade do indivíduo, modificando sua percepção de mundo e de si mesmo como num ato ilusório. Por isso, Freud chamou a fé religiosa de “uma crença de ilusão, que destaca em sua motivação o cumprimento do desejo, ao mesmo tempo que não levamos em conta seu vínculo com a realidade” (Freud, 1927, p.53). Todavia, esse distanciamento com a realidade, provocada pela religião, implica no homem uma sensação de

conforto, pelo qual o possibilita a conviver em um mundo de magia, o fazendo ter uma percepção de bem-estar. Esse mundo mágico ou simbólico existe nas práticas da fé religiosa porque “considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela” (Freud, 1930, p.89). A fé religiosa proporciona ao homem fuga de sua realidade e distanciamento do seus verdadeiros desejos, criando para o homem um mundo paralelo de vivencias e experiências, pelo qual “pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos” (Freud, 1930, p.89).

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões levadas a efeito ao longo deste artigo conduzem à construção de definições distintas, porém interligadas sob a perspectiva das dimensões da fé religiosa.

Primeiramente, o conceito de empoderamento, que aqui podemos entende-lo como parte da vida do ser social, mas em especial do ser religioso.

O empoderamento é o pedestal das relações religiosas, visto que pode ser feito das mais variadas formas, como, por exemplo, dar autonomia do próprio sujeito; possibilidade de exercer o poder através da influência e da persuasão, que é a conquista do outro para a religião; do cuidado do próximo, a ideia de que o outro precisa ser “salvo”, de resgate do homem, pelo que se observa é bem característico de alguns grupos religiosos ver pessoas tentando resgatar àqueles que estão a margem da sociedade, tanto aos que estão nas ruas quanto aos que estão em penitenciárias; relação de poder/saber da fé religiosa que proporciona ao homem respostas para suas indagações, explicando algo que a ciência normalmente não consegue explicar, logo o indivíduo religioso acredita ser o conhecedor de uma verdade incomparável, levando-o a compartilhar de seu conhecimento; podendo ainda ser exercício do poder exercido pelo conhecimento.

Esses são alguns exemplos de empoderamento no âmbito individual da vida do sujeito. Já o empoderamento na esfera coletiva envolve vários processos, podemos observar o empoderamento no âmbito coletivo sob o enfoque do pertencimento, identidade e emancipação. Afinal, o homem como um ser social, necessita se relacionar no grupo e conquistar espaço, visando reconhecimento numa ação recíproca entre seus membros.

A fé religiosa oferece ao homem toda essa interação social sendo mediada pelos símbolos religiosos, pelo qual realiza entre os membros um elo de identificação onde seus integrantes se sentem acolhidos, levando-os consequentemente a um processo de emancipação ideal e necessária para que os indivíduos, criem sua própria forma de se expressar socialmente através dos conteúdos religiosos. Maneira pelo qual os grupos de fé religiosa se caracterizam por uma autonomia do agir e pensar, culminando numa ação de liberdade coletiva, empoderando seus membros não de forma individual, mas de maneira coletiva.

Em seguida, observamos os processos ritualísticos existentes nas religiões. Estes fazem o homem se sentir remido de sua culpa através de uma relação telepática, pelo qual como num passo de mágica esse homem se encontra com o ser divino onde se relaciona com ele, o qual tem o poder de perdoá-lo e atender aos seus desejos, essa crença baseada numa relação telepática tem um efeito acolhedor para o sujeito, devido a sua necessidade de ser acolhido ou protegido por alguém. A ideia de proteção desenvolvida pela fé religiosa, proporcionada pela ação mágica e telepática da fé, desencadeia no indivíduo uma sensação de bem-estar, pelo fato de sentir-se seguro no mundo, sendo o ritual o fator determinante nessa relação de bem-estar consigo mesmo e de segurança com relação ao mundo.

Outro mecanismo que favorece ao homem quanto eximir-se de sua culpa, como forma de diminuição de tensão é a projeção que o sujeito realiza de seus sentimentos indesejados. Como dito, a crença religiosa traz consigo um conteúdo de ideias que reforçam no homem religioso a ação de negar a culpa, proporcionando para o indivíduo um esquema projetivo potencializando, possibilitando a negação de sua culpa. Isso porque na perspectiva freudiana, as restrições sofridas pelo homem ao longo de sua vida, proibições impostas pela sociedade, através das regras sociais o faz reprimir muitos de seus desejos. Por isso, esse homem carregado de culpa se permite na religião livra-se desses sentimentos que o acompanha. E a religião viabiliza ao sujeito ter seus atos perdoados. Todavia, por outro lado, o esquema projetivo proporcionado pela fé religiosa, faz com que esse homem não se enxergue mais como um pecador, mas sim o faz apontar o erro dos outros, que antes também cometera, em contra partida, descola sentimentos não desejáveis, sentimentos esses provocados pelas próprias restrições da religião. As suas projeções que o homem exercita durante o desenrolar de suas crenças são na verdade a impossibilidade do ego desse indivíduo religioso lidar com a própria realidade e com os seus sentimentos devido a uma rigidez muito grande na relação

sociedade versus indivíduo, usando os processos projetivos e ritualístico como um escape para o seu eu.

Contudo, o bem-estar psíquico é um conjunto de fatores que vão incidir nessa relação de prazer e bem-estar emocional, porque o homem é um ser complexo. Sendo assim, para que possa desenvolver determinada qualidade de vida é necessário um conjunto de mecanismo que atue na esfera individual como também na esfera coletiva.

Por fim, o que vimos, neste artigo, foram os mais variados meios pelo qual o homem se utiliza para alcançar algum tipo de bem-estar. Projetar aquilo que não nos agrada, expulsar de nós o sentimento ruim que não aceitamos, são formas de se ajustar ao mundo, criado por uma sociedade repressora e proibitiva, enquanto que com os sentimentos de identidade e pertencimento, pelo qual o homem procura na religião, procura socorro e alívio psíquico. Desde o próprio empoderamento, que atua no homem numa escala individual e social, as projeções e os rituais religiosos, os conceitos de identidade e pertencimento, o animismo como um mecanismo necessário ao empoderamento, são modos de ser e procurar existir como pessoa.

3 METODOLOGIA

Este estudo de natureza qualitativa que tem como objetivos principais ampliar os conhecimentos, do pedagogo na empresa. Segundo Thompson (1995), “Nota-se que a pesquisa qualitativa não tem a pretensão de mensurar variáveis, mas de analisar, qualitativamente, de modo indutivo, todas as informações levantadas pelo acadêmico através da aplicação de um instrumento de coleta de dados adequado”. Será aplicado neste projeto, um estudo através de livros. A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas (em livros, revistas entre outros). Pode ser realizada independentemente, ou como parte de outros tipos de pesquisa.

Baseado em critérios internos, o projeto procura manter a flexibilidade na análise dos dados, buscando interpretar a realidade, sem tirar a vitalidade, com coerência, originalidade e objetividade, e assim dar uma contribuição para o entendimento da função do teólogo em aplicar a teologia como instrumento de subjetividade psíquica na formação do sujeito.

Essa metodologia utilizada foi de fonte segura e atual para responder aos questionamentos citados sobre o tema proposto e possibilitar a melhor compreensão da

temática abordada e aperfeiçoamento da discente. Foram escolhidos autores renomados no tema abordado para que o projeto esteja bem fundamentado.

4 CONCLUSÃO

Verificou-se que através da fé religiosa, o ser humano consegue apoderar-se de si mesmo criando condições próprias de ordenamento da vida. E, apoderar-se de algo, é estabelecer um crescimento do próprio sujeito; são maneiras conjuntas pelo que o homem procura a sua equalização consigo mesmo e com o mundo, através dos processos subjetivos vividos por cada pessoa.

Conclui-se então que procurar fugir da realidade seja a maneira mais fácil de lidar com a vida e com o mundo, possibilitando e suportá-los. A realidade parece ser algo menos importante na vida do ser religioso, onde o mundo da fantasia é mais prazeroso, oferecendo um maior ganho psíquico do que mesmo a própria realidade.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Isa Maria Zimerman de. Religião e subjetividade. **Revista de Ciências Humanas** (UNITAU), Taubaté, v.6, n.1, jan./jul. 2013. Disponível em:
<http://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/55/48>. Acesso em: 19 jul. 2025.

AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/fe>. Acesso em: 23 ago. 2025.

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: Instrumento de Emancipação social? Uma Discussão Conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.6, n.1, p.173-187, jan./abr. 2012. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BRAGANÇA, Wagno Alves. A Construção do Caráter e a Subjetividade. **Revista Davar Polissêmica**, Belo Horizonte, 2014. Disponível em:
<http://sistemabatista.edu.br/SEER/index.php/teo/article/view/215>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BREPOHL, Daniel Dias; DARRIBA, Vinicius Anciães. Um estranho irredutível no saber freudiano sobre as psicoses. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.45, n.1, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100006. Acesso em: 29 ago. 2025.

BUENO, Sinésio Ferraz. Dialética da Diferença. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 325-331, set./dez. 2013. Disponível em:

<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115295/ISSN0101465X-2013-36-03-325-331.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CAMPOS, Fabiano Victor. Resenha: BARROZO, Victor Breno Farias. Modernidade religiosa: memória, transmissão e emoção no pensamento de Danièle Hervieu-Léger. **Horizonte**, Belo horizonte, v.12 n. 35, p. 1028-1035, setembro. 2025.

FREUD, Sigmund (1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. In: **Centro de Estudos Psicanalíticos**, Pacaembu. 2012. Disponível em: <http://centropsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Aula12-ATOSOBSESSIVOSEPR%C3%81TICASRELIGIOSAS.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Trad. sob a direção de Renato Zwick. Porto Alegre, LPM, 2014. v.1113

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão**. Trad. sob a direção de Renato Zwick. Porto Alegre: LPM, 2011. v.849

FREUD, Sigmund 1930. O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

INFORMAL, Dicionário. Disponível em:
<http://www.dicionarioinformal.com.br/pertencimento/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. Três Versões do Narcisismo das Pequenas Diferenças em Freud. **Trivium**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, jul./dez. 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000200004. Acesso em: 28 ago. 2025.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 83-95, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/psi-sabersocial/article/view/12203/9505>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SANTOS, Bruno Hermes de Oliveira. Um Sonho de Pertencimento: O Fenômeno Comunitário à Luz do Pensamento de Zygmunt Bauman. **Habitus**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, dez. 2014. Disponível em:
<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/revistahabitus/article/view/276>. Acesso em: 25 ago. 2025.

WOYCIEKOSKI, Carla; STENERT, Fernanda; HUTZ, Claudio. Determinantes do Bem Estar Subjetivo. **Psico**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, pp. 280-288, jul./set. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8263/8228>. Acesso em: 19 jul. 2025.